

ERASMO DE ROTERDAM: HUMANISMO E TOLERÂNCIA

Sidnei Francisco do Nascimento

Universidade Federal do Maranhão

sidneifn@bol.com.br

RESUMO: A erudição dos autores do Renascimento se constituía na retomada da filosofia antiga. A volta ao passado significava uma revolução no âmbito do conhecimento. Essa nostalgia em relação à Antiguidade será indispensável para a crítica desfavorável que Erasmo irá proferir as autoridades que constituíam o cenário espiritual e temporal no contexto do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Ética. Religião.

ABSTRACT: The erudition of Renaissance authors was constituted of a return to ancient philosophy. The return to the past was a revolution in knowledge. This nostalgia in relation to Antiquity will be essential to the unfavorable criticism that Erasmus will issue towards the authorities that constituted spiritual and temporal spheres in the XVI Century context.

KEY WORDS: Philosophy. Ethics. Religion.

ERASMO DE ROTERDAM: O FILÓSOFO DA TOLERÂNCIA

A conduta tolerante será aquela vivenciada por Erasmo de Rotterdam no contexto do século XVI. Filósofo, humanista, filólogo, literato, educador, membro e crítico da Igreja Oficial de Roma ele participava da diplomacia dentro dos palácios; fora um intelectual que aconselhava o governante a fazer o possível para manter a paz e a concórdia entre as nações. Reiterava que uma paz injusta seria preferível que uma guerra justa. A guerra é a pior manifestação humana que na maioria das vezes, para punir um pequeno número de homens causa um desastre a milhares. Ela instaura uma atmosfera de banditismo, de opulência, de luxo, de deboche, de tirania, de ambição, de cólera e de discórdia. Os homens quando fazem a guerra são piores que as bestas selvagens. A paz é ainda a situação do homem quando a dignidade do espírito ultrapassa a bestialidade do instinto.

Se considerarmos as atividades humanas há uma que convém conduzir com atenção ou é necessário fugir, conjurar com preces, rejeitar por todos os meios, é certamente a guerra. Nada é mais ímpio, mais calamitoso, mais largamente pernicioso, mais obstinadamente tenaz, mais terrível, para ser mais conciso mais indigno do homem, para não dizer de um cristão. É impressionante como hoje se inicia em todos os lugares com tal indiferença e falta de discernimento! Com uma crueldade e barbárie se fazem, não somente com os pagãos, mas também com os cristãos, não somente com os laicos, mas também com os padres e os bispos, não somente com os homens jovens e inexperientes, mas também com os velhos que ainda vivem, não somente com o povo e a maioria incerta, mas, sobretudo com os príncipes em que o dever seria de apaziguar pela sabedoria e razão os movi-

mentos inconsiderados da multidão ensandecida. (ERASMO, 1973, p.113)

Os manifestos humanistas de Erasmo de Roterdam admitiam que a natureza humana estivesse voltada para o bem. O homem possui o dom da palavra e semelhantemente a doutrina de Aristóteles nasceu para viver em sociedade. Este ser gregário, por uma exigência da natureza constitui famílias, cidades e Estados estabelecendo vínculos de amizade. A amizade é o mais fecundo fundamento da paz. De acordo com suas premissas religiosas o humanista dizia que Deus não criou o homem para a guerra, mas para a amizade. A filosofia grega e a filosofia romana são constantemente retomadas para exaltar a natureza humana e criticar a guerra e seus malefícios. Filosofia e religião não se excluem, mas, se completam na obra do humanista. De Platão a santo Agostinho passando pela filosofia de Cícero e dos primeiros padres, filosofias recorrentes na obra de Erasmo para a elaboração e o desenvolvimento das concepções a respeito de Deus, do homem, da natureza e de razão.

A natureza colocou no homem o ódio da solidão, o gosto da companhia; ela introduziu nele os germes da bondade. Ela fez o que era mais salutar e que fosse também o mais suave: o que há em efeito de mais agradável que um amigo, e por sua vez, mais necessário? Se fosse verdadeiramente possível viver facilmente sem relações, nada poderia parecer agradável se fosse privado de companhia, salvo aquele que espoliado toda humanidade desceria ao nível da besta. Ela associa o gosto das belas letras ao desejo de saber, que não somente garante perfeitamente o espírito humano contra a barbárie, mas ainda possui a virtude particular de fazer nascerem afetuosas relações.” (ERASMO, 1973, p.115)

O ambiente intelectual do século XVI não se constituía apenas da elaboração dos tratados de teologia como se verificava de maneira preponderante no interior das universidades medievais. O modelo de educação no Renascimento caminhava no sentido contrário às disputas referentes às questões lógicas ou metafísicas constituídas, sobretudo pela retomada da filosofia conceitual de Aristóteles pelos escolásticos ao final da Idade Média. O método de ensino compreendia essencialmente dois momentos do processo didático: a leitura e a discussão de um problema apresentado pelo mestre após exames dos argumentos pró e contra. Contudo, tal método caminhará, nos tempos da decadência da escolástica, para uma grande rigidez e formalismo. Muitos homens, dirá Erasmo são capazes de julgar corretamente sem ter estudado a lógica.

Em seu adágio Os Silenos de Alcebiades Erasmo reconhecia que seria um crime e sacrilégio diminuir em qualquer ponto a autoridade de Aristóteles que ele o considerava como um homem de um saber excepcional, mas qual luz se radiosa fosse ela não se obscureceria em comparação a sabedoria celeste! Os humanistas estavam ericados da filosofia de Aristóteles e da educação escolástica. Nesse ambiente de insatisfação a expressão literária e moral da renascença se constituíam por meio da retomada da cultura clássica. O humanista pretendia estudar as línguas, quer dizer o latim, o grego e o hebraico. O conhecimento das belas letras o possibilitava o contato com os autores latinos e as traduções latinas dos autores gregos tais como Luciano, Plutarco, Cícero, Horácio, Ovídio, Tito Lívio, Plauto, Terêncio, Sêneca. O contato renovado com a sabedoria antiga e pagã o auxiliava na seleção dos provérbios que se constituíam como meios pelos quais o humanista tornaria evidentes os problemas de sua época.

Os adágios contribuía para divulgar o espírito clássico e o intercâmbio entre a cultura antiga e a cultura moderna. Constituídos de sentenças, metáforas, parábolas, comparações, exemplos,

imagens e figuras de estilos foram amparados pelos sábios ilustres da Antiguidade. Erasmo escrevia os adágios para ridicularizar toda pretensão de poder que conduziria facilmente alguns à decisão de fazer a guerra na maioria das vezes em proveito de poucos. O humanista era da opinião de que apesar de todos os males que ameaçam a vida dos homens a guerra deve ser considerada como o mal mais terrível que afeta a humanidade, como a cloaca dos males. Com seus provérbios o humanista se aproximava da glória literária devida à aceitação unânime pelos editores ao comprarem suas obras que rapidamente se constituíam como livros escolares. Não significa que Erasmo tenha se enriquecido com a compra de suas obras, muito pelo contrário, porque se não fosse os mecenas de sua época seguramente viveria com muitos percalços. Na modernidade renascia o gosto pela cultura literária desprovida do rigor e formalismo contidos no modelo de educação medieval. Nesse contexto de mudanças o ensino será revigorado pela retomada das belas letras constituído pelas expressões consagradas dos autores antigos.

Se não todos pelo menos a maioria dos escritos de Erasmo reivindica a tolerância. O humanista retomou da Antiguidade dois provérbios que tratam a respeito da guerra para denunciar a intolerância entre os homens e os motivos pelos quais os conduzem a lutarem até a morte. Ele escreveu o adágio A guerra é doce somente para aqueles que não a fazem recorrendo à citação contida na obra A arte de fazer a guerra do poeta latino Vegécio do século IV de nossa era, livro III, capítulo XIV:

Não confie muito no jovem soldado que deseja lutar, pois o combate é doce para aqueles que não sabem o que é; e de Píndaro poeta lírico, grego do século VI a.C reconhecido pela variedade de ritmos, pelo brilho das imagens que constrói e pela elevação das idéias contidas em seus poemas, desse poeta Erasmo sublinhou o seguinte provérbio: a guerra

é doce para aqueles que não a fazem, mas quem não a conhece aprova, desde que se aproxime a um horror extremo. (ERASMO, 1973, p.111)

Depois de apresentar o contraste da guerra entre uma concepção de natureza corrompida pelas doenças do espírito tais como o orgulho, a glória, o luxo, a opulência e uma concepção de natureza humana feita para a amizade dotada de razão que a faz viver conforme a virtude; Erasmo se perguntava de onde vem essa excrescência ameaçadora como à guerra. O humanista concebia um estado de natureza em que os homens primitivos conviviam nus sem propriedades e sem tetos vivendo nas florestas. Viviam para a caça e pesca sobrevivendo com o que a natureza pudesse lhes oferecer de melhor. Os homens para se defenderem dos animais formavam bandos e os atacavam. Elegiam como chefe aquele que teve mais coragem, que protegeu a espécie do perigo. Em seguida não contente em comer o produto da caça, se cobrem de peles para se protegerem do frio. Erasmo sentencia: tais são os assassinos, tais os espoliadores.

O humanista nos diz que pelo hábito, matando os animais, o homem poderia ser abatido sem grande pena; o caminho que conduzia o homem à sua sobrevivência matando os animais o conduzirá a uma escalada do terror tornando-se assassino de sua própria espécie. Para fazer a guerra os primeiros homens se reuniam em bandos, depois em grupos conforme os parentescos, depois se tornavam vizinhos, amigos e por fim se constituíam em tropas e armadas. Nada se encontra livre da crueldade humana. Pouco a pouco Erasmo desenvolve a crítica à civilização moderna. Famílias contra famílias, cidades contra cidades, regiões contra regiões, reinos contra reinos. A guerra instaura uma atmosfera de banditismo e o fratricídio.

A idéia de natureza, a noção de lei natural e de direito natural são elementos importantes para compreender a concepção de natureza humana contida nas obras de Erasmo. A razão que triunfa é a razão natural e divina que está dispersa em tudo. As leis que regem o mundo físico também regem a sociedade política. Essas mesmas leis estabelecem a paz entre os homens, que os governantes devem seguir para serem justos e ficarem distantes de todos os vícios. Aquele que administra o Estado deve seguir a lei natural e divina que rege o movimento dos astros e dos homens. A ética do humanista está baseada na cosmologia cristã, pois, o homem criado a imagem de Deus não é inconciliável com o preceito de seguir a natureza. Ele concordava que a lei proveniente do mundo natural e divino ordenasse e determinasse a paz social e individual.

O estoicismo do império e particularmente as obras de Cícero, a respeito de suas posições referentes à ética, a justiça, o direito natural, bem como, sua concepção de natureza humana e de deus constituirão, os pressupostos religiosos e morais indispensáveis para Erasmo desenvolver seus manifestos pacifistas. No entanto, como cristão, o humanista jamais deixara de lado a antiga tradição que concebia a alma humana como um influxo da graça de Deus no homem, que por uma exigência da natureza o faz desejar o sobrenatural. A alma quando se liberta das coisas sensíveis se eleva para as regiões do espírito. A vontade racional e livre possui um movimento indeclinável em direção ao bem. Será a mistura da filosofia grega com a filosofia cristã que constituirá a crítica que Erasmo irá fazer às guerras intestinas derivadas dos tratados egoístas dos príncipes de sua época.

Para compreender melhor os pressupostos de justiça e direito natural contidos nas obras de Erasmo, voltamos para a Antiguidade e retomamos esses mesmos conceitos contidos nas obras de Cícero. Esses autores desenvolveram a idéia de direito natural pre-

sente no homem inscrito em sua natureza. As bases da justiça se encontram na natureza do direito contida na natureza humana. A lei suprema está inclusa na natureza (cosmos) e em nossa própria natureza (ethos). Seguir a lei natural que se manifesta nos fenômenos da natureza como a regularidade dos eventos naturais tais como o dia e a noite, o quente e o frio, o movimento dos astros, significa obedecer ao mesmo tempo à reta razão que nos orienta em direção ao bem. Obedecer às leis da cidade é seguir ao mesmo tempo o movimento regular do céu, o pensamento dos deuses e a divindade predominante. A idéia de direito natural contida nas obras filosóficas de Cícero, também se verificava nos escritos pacifistas de Erasmo quando admitiam que o homem e a divindade tivessem algo em comum, pois, possuíam razão e conviviam dentro da cidade compreendida como o mundo inteiro, “onde coabitam homens e deuses.” (CÍCERO, 1959, p 13)

A teoria do direito natural desenvolvida por Cícero e contida na concepção de bom governo que o humanista cristão aceitava para criticar os governantes de sua época se situava entre uma concepção de mundo físico e ético, estóico e cristão, em que o fim último seria viver conforme a natureza. A física estóica admite que o logos na qualidade de um princípio divino que se difunde na matéria construa a realidade natural e ordene o universo. A lei natural (*naturalem legem*) é divina e princípio de tudo. Deus é intelecto e a lei natural difusa em tudo se identifica com Ele. A conduta virtuosa deve seguir a ordem divina e natural. Não há nenhum povo que tomando a natureza por guia não pudesse alcançar a virtude. “As leis que convém a vida social devem se adaptar a constituição política, ao Estado, a magistratura e aos poderes dirigentes”. (CÍCERO, 1959, p.104)

A necessidade criou as sociedades: ela ensinou os homens a se unirem para cuidarem da sua defesa comum contra os bandidos ou contra todas as forças que os atacam. As circunstâncias e as condições de vida são tais que o homem não pode jamais ser auto-suficiente. O gênero humano teria se destruído desde o começo, se a união conjugal não tivesse propagado sua espécie. Assim que o homem nasce já está preste a deixar a vida; ele perderia o começo de sua existência, se a mão hábil das sábias-mulheres e os cuidados tenros do alimento não viessem em seu socorro. A natureza parece ter semeado no coração do homem esta parcela potente e intensa de ternura que faz com que eles amem suas crianças antes de nascerem. Existe em efeito entre alguns homens afinidades recíproco em conformidade a sua natureza, aos seus talentos, e as suas ocupações: Eles cultivam a bondade mútua. (ERASME, 1973, p. 208)

Como crítico intransigente da religiosidade de sua época, mesmo recorrendo aos autores antigos, pagãos, o príncipe dos humanistas fazia um apelo ao cristianismo puro e simples. Não se deve esquecer que a assimilação que o humanista irá fazer da filosofia antiga possuía um caráter religioso importante. Erasmo retomava dos escritos da Antiguidade, as heranças deixadas pelos doutores da Igreja e a exegese que esses desenvolveram das Sagradas Escrituras. A filosofia grega e o cristianismo primitivo não são incompatíveis como poderiam admitir aqueles que não concebem um vínculo de proximidade entre a teologia natural dos gregos e a cosmologia cristã. Erasmo criticava aqueles pontífices e imperadores que viviam de aparências, aqueles cristãos que faziam do rito e do formalismo religioso a devoção necessária para se manterem próximos de Deus. Aqueles cristãos que não privilegiassem a caridade proveniente de uma consciência tranqüila e de uma religiosidade sincera e interior seriam mais ímpios que os próprios pagãos.

Erasmus opõe a realidade sensível ao mundo inteligível dentro de um sincretismo cristão e platônico. É sempre a oposição do céu e da terra, do sagrado e do profano, do superior e do inferior. O homem ocupava uma posição média dentro de sua metafísica, mas com a possibilidade de se elevar para Deus ou de cair na animalidade mais grosseira dependendo do uso que fizesse de sua inteligência. Erasmo sublinhava a importância da tradição greco-romana e a solidez das provas para conceber o nous como espírito, isto é, como piloto da alma que nos conduz à divindade. O humanista reafirmava a importância da tradição em oposição às dissidências que dividiam o mundo cristão.

Alguns ainda defenderam o máximo possível os escritos da doutrina de Cristo e redigiram seu testemunho com sangue entre eles se encontram os gregos: Orígenes, Basílio, Crisóstomo, Cirilo, João Damasceno e Theófilo; e os latinos: Tertuliano, Cipriano, Arnóbio, Hilário, Ambrósio, Jerônimo, Agostinho, não contando, nesse meio-tempo, Thomas, Scot, Durand, Capreolos, Gabriel, Egidio, Gregório, Alexandre... (ERASMUS, 1910, p.12, tradução nossa)

Conforme a tradição, o espírito santifica a alma na medida em que esta, através de uma disposição natural, se precipita em direção ao Bem. Erasmo identificava o espírito com uma noção de interioridade que habita em nossos corações. Algumas de suas obras foram censuradas pelo concílio de Trento, pois quando se opunha ao mundo material em detrimento do espiritual criticava ao mesmo tempo, a autoridade religiosa e o poder político.

Em seu adágio *A guerra é doce para aqueles que não a fazem* o humanista reiterava que ele se referia à sua época quando desferia críticas às maquinações diplomáticas que privilegiavam interesses

muito particular. Ele criticava, por exemplo, as cláusulas do Tratado de Cambrai concluídas em 11 de Março de 1517 pelos príncipes que governavam a Europa.¹ Esse acordo trataria apenas da aprovação do projeto de cruzada contra os Turcos se não estivesse também contida de maneira secreta, os artigos que admitiam a divisão pura e simples da Itália em dois reinos, o que privilegiariam apenas alguns em detrimento da maioria.

Erasmus denunciava o proselitismo dos papas e imperadores que fomentavam o preconceito e o ódio contra os Turcos e os Judeus distanciando cada vez mais a possibilidade da convivência pacífica, da moderação e do bom senso entre as religiões judaica, muçulmana e o cristianismo. O ecumenismo religioso conjugado a idéia de tolerância fazia um apelo veemente em favor da paz religiosa, social e individual. O humanista era da opinião de que se deveria ganhar a guerra contra os Turcos não pelas armas, mas, pelas virtudes. Ele dizia que a guerra contra os Turcos seria um pretexto para espoliar ainda mais o povo cristão em nome de Deus. Erasmus preferia um verdadeiro turco a um falso cristão; um cristianismo espiritual, interior, liberado de todo excesso de cerimônias e práticas exteriores de devoção do que o formalismo da religião judaica.²

A crítica que o humanista faz às relações que os governantes da Europa mantiveram com os Turcos e os motivos pelos quais deveriam conduzir populações inteiras a fazer a guerra em nome de uma razão de Estado camuflavam interesses escusos, muitas vezes econômicos, com o intuito de privilegiar uma minoria. O conceito de razão de Estado se manifestava como garantia que o chefe de Estado teria para justificar a decisão de fazer a guerra o que permitiria, por sua vez, cometer crimes para resguardar o direito da maioria. Erasmus denunciava estas artimanhas considerando-as como hipócritas, que conduziram a morte pessoas inocentes. O evangelismo político de Erasmus se opunha a política sórdida e

expansionista da Europa porque motivava principalmente à espoliação de outros continentes em nome de Deus e do Estado. O humanista se perguntava se nós cristãos que nos aplicamos a estender nosso império, se nós que cobiçamos suas riquezas, porque dissimular sob o nome de Cristo uma empresa tão profana? A meditação religiosa e a paz social e individual são indissociáveis. Os objetivos da fé evangélica são as morais dignas de Cristo que o governante deveria imitá-las para fazer um bom governo.

A única prece que dirigirei aos Príncipes como um apelo cristão é de abandonar os falsos pretextos e razões dissimuladas e de agir seriamente e de todo seu coração, de maneira a colocar um termo ao furor guerreiro se durável e se atroz, e de fazer reinar a paz e a concórdia entre os homens unidos por tantas garantias. É em função desse objetivo que eles devem tender seu espírito, preparar suas forças, se amparar de conselhos e cobrir suas angústias. Como aqueles que se aplicam a passar por magnânimos provam assim sua magnanimidade. Marcando sua superioridade sobre este ponto, se terá cumprido uma ação muito mais brilhante do que se tivesse submetido pelas armas a África inteira. (ERASME, 1973, p. 195)

Como temas recorrentes em suas obras o humanista jamais deixara de lado a conduta moral que os teólogos e príncipes deveriam seguir se responsabilizando pela manutenção da paz e da concórdia entre os povos. A ética, a política e a religião estavam conjugadas nas obras pacifistas de Erasmo. Do ponto de vista ético o príncipe deveria seguir os preceitos verdadeiramente cristãos como a paciência, a caridade e a inocência. O príncipe representa dentro do Estado, o que o olho representa dentro do corpo e a razão dentro da alma. Erasmo nos diz que a corrupção moral é pior que a morte física seguindo a idéia de fidelidade que mesmo durante a guerra havia entre os povos da Antiguidade. Em sua

obra *A guerra é doce para aqueles que não a fazem* ele contemporizava a maneira como os romanos, os gregos e os árabes faziam a guerra diferentemente da maneira sórdida e inescrupulosa dos governantes de sua época que conduziam muitos inocentes a destruição por motivos torpes. Ele escreve que apesar das loucuras dos grandes generais que fizeram a história da Antiguidade desbravando continentes e fazendo a guerra, combatiam com mais humanidade, com mais honestidade e não por razões sem importância como faziam os príncipes de sua época.

Antes de recorrer às armas os guerreiros pagãos conversavam. Dentro de um espírito romano, depois de todas as tentativas de conciliação, se enviava um chefe da congregação que cumpria as cerimônias: procurava-se seguramente temporizar, para moderar assim o furor do combate. E quando se tinha feito tudo não se permitia de se engajar na luta antes do sinal, ao qual se dava de tal maneira que o soldado ignorava o que se devia fazer. E depois do sinal, todo homem que se encontrasse sob as armas sem ser tocado pelo sermão militar, não tinha licença de prosseguir ou de tomar o inimigo: Catão, o antigo escrevia a seu filho, o qual permanecia desocupado no campo, para lhe ordenar a entrar em Roma ou, se preferisse permanecer na armada, solicitando ao seu chefe a permissão de lutar contra o inimigo. (ÉRASMO, 1973, p.133)

A decisão de se fazer a guerra seria a última alternativa que os governantes deveriam recorrer depois de ter sido tomada todas as medidas para se evitá-la. O recurso a guerra apareceria como a última razão de Estado com o intuito de diminuir o mal maior que penalizasse ainda mais a vida de pessoas inocentes. Os humanistas cristãos estavam inicialmente de acordo com as premissas da Reforma, o que lhes causaram muitos problemas como as acusações desferidas pelos próprios membros da Igreja (instituição que defendiam), de terem tomado o partido de Lutero. Diante da violên-

cia que se seguira nos tempos da Reforma, Erasmo abandona as causas de Lutero e prefere a circunspeção, exceto sua missiva enviada ao reformador quando escreveu o livre-arbítrio. O príncipe dos humanistas era da opinião de que o remédio poderia ser pior que a doença, que suprimir as superstições já tão habituais e incorporadas pelos costumes poderia causar maiores malefícios do que o contrário. Uma posição incômoda, perseguido tanto pela ortodoxia, quanto pelos dissidentes, Erasmo de Roterdã sempre fora condescendente com seu evangelismo político: o apelo à paz, a tolerância e a concórdia entre as nações.

NOTAS

¹ O imperador Maximiliano, o rei da França Francisco I e o príncipe Carlos da Espanha.

² Tema constante que faz parte do evangelismo erasmiano com inspiração de Paulo sobre o espírito que vivifica e a letra que mata. A idéia que Erasmo faz do judaísmo é sempre aquela de um ritualismo: o que lhe permite às vezes tratar os cristãos como judeus.

REFERÊNCIAS

CICERÓN. **Disputaciones Tuscultas.** Tradução de Alberto Medina González. Madrid: Gredos, 2005.

CICÉRON. **Du bien suprême et des maux les plus graves.** Tradução de Charles Appuhn. Paris: Librairie Garnier Frères, 1938.

CICÉRON. **Traité des lois.** Tradução de Georges de Plinval. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

CICÉRON. **De la nature des dieux.** Tradução de Charles Appuhn. Paris: Garnier Frères, 1935.

ÉRASME. **Guerre et Paix dans la pensée d'Érasme.** Tradução de Jean-Claude Margolin. Paris: Aubier Montaigne, 1973.

ÉRASME. **Les Silènes d'Alcibiade.** Tradução de Jean-Claude Magoli. Paris: Belles Lettres, 1998.

ERASMUS. **Libero arbitrio** sive collatio. Leipzig: Georg Böhme, 1910.

GALIBOIS, R.; BUJANDA, J.M. **Liberté et Unité dans l'Église.** Canadá: Cosmos, 1971.

HALKIN, L.E. **Érasme parmi nous.** Paris: Arthème Fayard, 1987.

MARGOLIN, J.C. **Érasme.** Paris: Robert Laffon, 1992.